

UBUNTU E CAPOEIRA - DIÁLOGOS APROXIMATIVOS EM TORNO DO SENTIMENTO DE COMUNIDADE.

JOÃO PAULO DE AZEVEDO SILVA

Licenciado em História pela FAFICA, especializado em Ensino de História pela UniBF e Mestrando em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco, campus CAA. Email: jp.profpe@gmail.com

EVERALDO FERNANDES DA SILVA

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Orienta estudos e pesquisas na área de Teologia, Filosofia, Ciências da Religião e Educação Popular, Fundamentos da Educação e atua ainda em grupos comunitários e interreligiosos. Email: everaldofernandes.silva@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo perceber as relações que existem entre a filosofia africana Ubuntu e a Capoeira em torno do sentimento de comunidade. Dessa forma, reiteramos que não tratamos apenas da filosofia africana, mas também de uma prática cultural nascida em solo brasileiro; a saber a Capoeira. Portanto, a capoeira é uma mistura de reflexões filosóficas, danças, aspectos educativos e, sobretudo, o desejo por libertação de diversos povos que foram trazidos forçadamente da África para o Brasil no tempo da colonização. Sendo assim, para alcançarmos nossos objetivos utilizamos do campo, da audição, do tato, da visão, dos sentidos, com intuito de perceber as aproximações e distanciamentos que existem entre esses elementos.

Palavras chaves: Capoeira, Ubuntu e Comunidade.

INTRODUÇÃO

Aproximar-se das leituras que tratam da diferença, que tratam de saberes que em outros momentos eram desconhecidos por nós, foi um dos motivos que nos colocaram em movimento em prol de alcançar os objetivos desta pesquisa. Primeiro dialoga muito com nossa história pessoal, em seguida conversa com o nosso momento acadêmico e profissional; portanto, através desse movimento permanente de buscar a si mesmo no outro e buscar a si mesmo no academicismo é que chegamos até aqui.

Concordando com a fala de Omoregbe “O ser humano tem um forte desejo de saber, ele é curioso por natureza” (1998, p. 2). É apoiado nesse forte desejo, nessa eterna curiosidade da, e sobre, vida que decidimos nos debruçar sobre leituras que tratam da filosofia Ubuntu, capoeira e comunidade. Para poder assim ampliar nossas percepções das partes que completam o sentido da vida, como também das partes que nos envolvemos a partir de nossas vivências.

Nosso desejo de pesquisar as relações que existem entre a filosofia africana Ubuntu, a capoeira e o sentido de comunidade para ambas, reitero, é fruto de leituras, diálogos e vivências. Sabemos que “na cultura ocidental a pesquisa é normalmente feita na biblioteca, na situação peculiar da tradição filosófica africana o trabalho de campo é indispensável nas pesquisas” (OMOREGBE, 1998, p. 8), portanto utilizamos do campo, da audição, do tato, da visão, dos sentidos, para perceber as aproximações e distanciamentos que existem entre esses elementos.

No caso dessa pesquisa não tratamos apenas da filosofia africana, mas também de uma prática cultural nascida em solo brasileiro; a saber a capoeira. Portanto, a capoeira é uma mistura de reflexões filosóficas, danças, aspectos educativos e, sobretudo, o desejo por libertação de diversos povos que foram trazidos forçadamente da África para o Brasil no tempo da colonização com o intuito de servir de mão de obra barata e submissa para os novos senhores que aqui desembarcaram “juntamente”.

Destacamos o componente da linguagem nesse processo de legitimação de ideias, de realidades múltiplas porque é na e a partir da linguagem que existimos para o outro. Porque, também, é na linguagem que habita os mundos que pairam em nossas cabeças em formas de pensamentos/sonhos e utopias, como nos mostra Bondía (2002) “As palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (p. 21).

Portanto, falar é “assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33), é mostrar as diversas nuances que uma mesma realidade pode assumir a partir de quem observa, sente e percebe essa realidade. Por isso, sabemos que a subjetividade do pesquisador dialoga muito com as realidades que ele vivencia no campo da pesquisa; porque as subjetividades falam das experiências, de toda a história, que esse pesquisador passou e que ele traz em forma de cicatriz em seu corpo.

De antemão, gostaríamos de dizer que não temos o intuito de falar sobre os saberes que estão presente em um grupo de capoeira, visto que já o fizemos em outro momento¹; nosso corpo se movimenta, agora, no intuito de compreender as relações existente entre: filosofia Ubuntu e capoeira, como o campo é extenso e nossos corpos limitados para tamanha proposta, seremos mais específico: trata, pois de observar o sentimento de comunidade presente na capoeira² e que a filosofia Ubuntu trata. Isto porque a capoeira, como será melhor exposto no decorrer do texto, tem suas raízes nos povos da África, povos de língua Bantu³.

Perceber a capoeira a partir de um movimento comunitário, onde os saberes são repassados através da oralidade e dos movimentos corporais, é perceber há existência dialogal entre essa forma de ser/existir, capoeira, com as filosofias africanas, especificamente aqui tratada a Ubuntu. É importante alertar ao leitor que passaremos pelos conceitos de corpo, musicalidade, dança, pois assim como no Ubuntu há uma relação de movimento e não de separação, assim também a capoeira é vista. Não podemos perceber a capoeira apenas pelo seu aspecto de luta, ou pela música, ou pela comunidade, mas sim como um todo em movimento constante.

1 Fizemos um estudo onde fala sobre os saberes presente na capoeira em dois grupos de capoeira, um que atua em Vitória de Santo Antão e outro em Caruaru-PE, como requisito de avaliação da disciplina Educação e Diversidade do mestrado em Educação Contemporânea pela UFPE-CAA.

2 Toda a história do Grupo de Capoeira Raça Nobre se encontra tanto no site oficial: <https://grupodecapoeiraracanobre.jimdofree.com/>; como em outros dirigidos pelo mestre fundador: mestretiziugcrn.blogspot.com.br; <https://www.youtube.com/user/MestrandoTiziu>; https://twitter.com/mestre_tiziu

3 “Podemos designar como região de línguas Bantu uma imensa região correspondente a quase metade do território africano, indo de Camarões no Atlântico ao Quênia no Índico. incluindo todos os países até a África do Sul”; conferir: JUNIOR, Henrique Cunha. NTU: Introdução ao pensamento filosófico bantu. Educação em Debate. Fortaleza : v. 1, nº 59, ano 32-2010

Este artigo inicia-se com uma introdução a respeito do nos motivou a fazer a pesquisa, seguido de uma seção falando sobre a filosofia Ubuntu em sentido filosófico; após isso teremos uma seção falando sobre o conceito de comunidade e como ele dialoga com a capoeira e com os aspectos filosóficos da filosofia Ubuntu; por fim teremos a conclusão e as referências que foram utilizadas para fundamentar este trabalho.

UBUNTU - ASPECTOS FILOSÓFICOS

Não é uma filosofia única, mas parte de uma gama de filosofias dos povos africanos, isto porque dentro da própria lógica funcional do continente africano o povo não é homogêneo; mas, sobretudo uma pluralidade imensa que buscam solucionar, cada um ao seu modo, os assuntos étnicos, políticos e culturais dentro do continente da África. Portanto, é importante fazer esse recorte e entendermos que Ubuntu é uma das filosofias que este rico continente traz como contribuição de ver e sentir o mundo.

Percebemos, além disso, que buscar compreender e (re)conhecer a filosofia do povo Bantu, Ubuntu, é uma das formas de contrapor o pensamento moderno ocidental onde cria linhas abissais que nos faz pensar que o ideal, o inteligível, está no lado norte do mapa e no lado sul as místicas, os mitos, o incompreensível. Portanto, a cada passo que damos em direção aos povos que estão no lado do Sul do mapa, seja por vias de conhecimento ou por vias físicas/corporais, desmistificamos as ideias impostas pelas epistemologias do norte. (SANTOS, data)

O eurocentrismo nos trouxe como legado a prática de divisão do mundo em: primeiro mundo e sub-mundos, onde tudo que provém dos submundos são inexistentes, desprovidos de ciência e de saber que precisam ser colonizados/aculturados pela europa. O efeito disto dentre várias coisas, foi o silenciamento de diversas formas de ver, saber, perceber, sentir o mundo e a vida. Por isso falar sobre a filosofia do povo Bantu, a filosofia Ubuntu, é uma das formas de romper com esse silêncio.

Embora essa prática de silenciamento seja evidente, paralela à ela vemos a resistência dos povos africanos que foram trazidos para o Brasil de forma escravizada e que a colonização não silenciou por completo as filosofias desses povos, como nos mostra Saraiva (2019) “o espírito filosófico se manteve presente na construção de diálogos orais entre África e o Novo Mundo.” (p. 95).

Para darmos conta de um conceito que vem do sul global, temos que a priori pensarmos em palavras que fujam das dicotomias impostas pelas epistemologias do norte. Ramose (1999), nos ajuda a compreender melhor o que venha a ser Ubuntu, utilizando o conceito linguístico de reomodo, isto porque a ciência advinda do eurocentrismo percebe o mundo, e as pessoas, entre ordem e caos e a filosofia africana, do povo Bantu especificamente, não compreende o mundo nessa dicotomia.

Além disso, o autor no afirma que:

“Ubuntu é, na verdade, duas palavras em uma. Consiste no prefixo ubu- e a raiz -ntu. Ubu- evoca a ideia geral de ser-sendo. É o ser-sendo encoberto antes de se manifestar na forma concreta ou modo da ex-istência de uma entidade particular. Ubu- como ser-sendo encoberto está sempre orientado em direção ao descobrimento, isto é, manifestação concreta, contínua e incessante por meio de formas particulares e modos de ser. Neste sentido, ubu- está sempre orientado em direção a -ntu” (RAMOSE, 2002, p. 2)

O eurocentrismo invoca a “ordem” para “estabelecer e manter equilíbrio nas relações humanas” (RAMOSE, 1999, p. 6). O uso desse conceito dentro da filosofia Ubuntu, distorce e fragmenta o que originalmente o que essa filosofia tem a dizer. Portanto, Ramose (2002) nos indica a utilizar um verbo que deriva do grego que significa “fluir” e que busca “uma aproximação para o entendimento de entidades como dimensões, formas e modos de incessante fluidez de movimentos multidirecionais” (RAMOSE, 1999, p. 6).

Ao utilizar a categoria reomodal para aplicá-la a palavra *ubu-ntu* o autor Ramose (1999, 2002) nos aproxima da amplitude de “visão de um universo que é holístico” (p. 7). Diferentemente das categorias que fragmenta o ser humano, que não consegue perceber a multiplicidade de sentir, ver, enxergar, perceber o universo. Além da imensa multiplicidade, variedade, do universo, há também o que o autor vai definir como *holonicidade* que em diálogo com Heráclito de Éfeso, quer dizer que tudo flui, que o mundo está permanentemente mudando.

Nesta filosofia do povo banto há três dimensões que se relacionam, portanto são interrelacionadas, as quais são a. *umuntu* - a dimensão da vivência -; b. *seres que passaram longe da vida*, ou seja estão numa dimensão diferente da material, do corpo concreto, mas não significa que não existam, dentro dessa perspectiva os que morrem são chamados de *mortos-viventes*; c. *ainda a ser-nascido*, são os seres que ainda não estão entre

nós, mas que irão vir para o mundo concreto através das ações contínuas dos que estão vivos/nos corpos concretos. À essas dimensões Ramose (1999) vai chamar de “onto-triádica de ser” (p. 11).

É importante salientar que dois desses níveis diz respeito a seres que ainda não são corpos concretos, não são seres que estão entre nós, portanto são desconhecidos, invisíveis. E tudo que sabemos a respeito deles, partem inexoravelmente de quem está vivo, de quem tem corpo concreto o mundo, por isso está baseada em crenças, ou seja “A ontologia de seres invisíveis é o discurso sobre o desconhecido a partir da perspectiva dos vivos” (RAMOSE, 1999, p. 11).

A base da metafísica da filosofia Ubuntu é a ontologia desses seres invisíveis, é o mundo da metafísica que dá bases sustentáveis para a filosofia do povo banto. Esse mundo da metafísica é um mundo inefável, nas palavras de Otto (2007) “mysterium”, o que não pode ser dito, o que está para além da linguagem dos seres humanos. Este mysterium, descrito por Otto, encarnado em manifestações que Eliade (2010) chama de hierofanias, não tem gênero, embora possa ser relacionado como hermafrodita (traços de macho e fêmea).

Assim não podemos pensar em Ubuntu como algo estático, parado, rígido, inflexível. Ao contrário disto, a filosofia ubuntu, que trata das questões ontológicas e epistemológicas como um diálogo constante, é movimento; é diálogo, conexões, aberturas para se viver. Ou podemos ainda entender ubuntu como “ser humano (humanidade); um humano, respeitável e de atitudes corteses para com outros constitui o significado principal deste aforismo” (RAMOSE, 1999, p. 3).

Nesse sentido é importante dizer que Ubuntu diz tanto sobre o ser humano que é, como o que pode vir a ser, num processo dialógico, de movimento, de idas e vindas e também de aberturas para a vida. Quando vamos observar Ubuntu dentro de aspectos políticos, ele destina todo o poder ao povo, segundo Ramose (1999), ou seja que a fonte e a justificação de todo o poder político vem do povo.

É um movimento incessante de ir e vir, de ser e de vir-a-ser, mas não como opostos/distintos; mas como complementares. São dois aspectos da realidade, dois movimentos que coadunam-se. Dividir/opor essa mobilidade incessante cria possibilidades de eliminar formas de ser, e vir-a-ser; existir e vir-a-existir. Como também tem movimento artístico, ou seja, musical; percepção esta que mostra que corpo e mente não se divide dentro dessa lógica.

Ubuntu é filosofia banta, de preto e preta da África, que busca perceber que do caos aparente, definido pelo eurocentrismo, pode vir a ser a ordem; filosofia que prega equilíbrio, que fala de movimento, que contraria as linhas abissais (SANTOS data) imposta (in)visivelmente aos povos que habitam o sul global; é também linguagem, pois é a partir dela que trazemos a existência do que nos é conhecido, do que é compreendido e apreendido; deslocar-se de forma inquieta, aparentemente caos mas sempre em busca da ordem, portanto “a existência do africano no universo é inseparavelmente ancorada sobre ubuntu” (RAMOSE, 1999 p.1).

Ubuntu é essa imensidão de possibilidades que o ser humano é e pode ser a ser, os africanos banto ao expressar e ser a filosofia Ubuntu estão buscando se conectar com o todo é ter harmonia em todas as instâncias da vida como se fosse um arranjo musical. A música é uma das formas ao qual este povo expressa sua forma racional de ver, sentir e perceber o mundo ao qual faz, e é, parte; o uso do tambor que é utilizado nas culturas de matriz africana aqui no Brasil é uma característica que pode ser facilmente percebida onde essas culturas expressam-se publicamente.

A dança para os povos africanos tem um lugar de destaque, e não é diferente dentro da filosofia Ubuntu, pois dançar é como um convite a ser. Há pouco espaço para a dança dentro do universo europeu, para os povos africanos e seus descendentes ela ganha uma outra dimensão. Ramose (1999) nos fala que: “o convite para a música do ser é irrecusável desde que entendido como imperativo epistemo-ontológica” (p. 8). Portanto, o ato de dançar é um ato de busca de equilíbrio, de harmonia com o universo que o gerou e que o dançante faz, e é, parte.

Antes de irmos ao próximo tópico, gostaria de tratar de uma questão pertinente na atualidade que o uso da terminologia Ubuntu tem sido usada em contramão ao seu sentido real e original, refiro-me ao uso dessa terminologia no sentido de incentivar competidores no mercado global, que incentiva a produção, ou ainda a lógica de mercado que atualmente domina boa parte dos países mundo afora. A filosofia Ubuntu é algo muito maior que uma individualidade esvaziada ou ainda um slogan de compaixão, ou ainda um marketing para trazer ao mercado novos empreendedores, como nos explica Saraiva (2019):

“Filosofia Ubuntu enfatiza o conceito de humanidade, humanidade para com a comunidade, em uma não referenciarão ao eu individualista moldado pela modernidade. Ubuntu busca se referir a tudo que é humano e a tudo

que partilha da força vital estabelecendo relação interrelacional de importância fundamental pela existência das pessoas” (SARAIVA, 2019, p. 98).

É importante salientar que a filosofia Ubuntu não nega a existência dos conflitos entre os seres humanos, o que pode ser utilizado como arcabouço dos capitalistas para utilizar este conceito/filosofia e assim ampliar a acumulação descabida e injusta do capital. Nesse sentido, é necessário salientar, mais uma vez, que a Ubuntu diz respeito a movimento comunitário, portanto, foge-se da ideia de injustiças sociais. Ainda que haja conflitos, busca-se a diminuição constante das injustiças dentro das comunidades que buscam praticá-la.

CORPO, COMUNIDADE E TRANSCENDÊNCIA

Comunidade está relacionada a sentimentos de pertencimento, de vida em solidariedade com o outro, uma vida compartilhada entre os seus. Uma comunidade é constituída por pessoas que têm o mesmo objetivo, o mesmo fim. Ou seja, os membros de uma tal comunidade tem por finalidade sustentar e manter o que é comum para todos que estão envolvidos, seja por subjetividade ou objetividade dos fatos. A base da comunidade é, portanto, a ação recíproca entre todos que estão envolvidos.

De acordo com a doutora em Ciências da Comunicação Peruzzo e do mestrando em comunicação Volpato (2009): “A existência de processos comunitários estaria ligada, em primeiro lugar, aos laços de sangue; em segundo lugar, à aproximação espacial e, em terceiro lugar, à aproximação espiritual” (p. 141). Além desses fatores os seres humanos estão ligados também pela vontade de estarem onde estão e que esse espaço (re)afirmam suas identidades enquanto pertencentes à comunidade.

A comunidade diz respeito, sobretudo, a pessoas que estão unidas por interesses comuns, isso tanto pode acontecer em vilas, regiões rurais como também nas regiões urbanas. Para a filosofia Ubuntu a comunidade relaciona-se com os indivíduos e vice-versa, não é possível ser dividido. É na comunidade que estão presentes sentimentos ligados à segurança, cuidado, bem estar coletivo, bom viver e coisas semelhantes.

Podemos ver essa semelhança nos povos que praticam a filosofia Ubuntu, através de Junior (2010), quando ele nos afirma que na sociedade africana “o Ubuntu representa a existência respeitosa e equilibrada entre os seres da natureza. No Ubuntu repousa a comunidade [...]” (p.

36). O sentimento de partilha, de que cada indivíduo faz parte intrínseca do todo e o todo do indivíduo, numa relação de movimento permanente.

Ubuntu e capoeira dialogam com a ideia de comunidade porque em ambas percebemos que é lá onde encontramos partilha de valores e visões de mundo. Na capoeira partilha saberes ancestrais de movimentos corporais que reverbera no cotidiano, assim como no Ubuntu. Em ambos os casos percebemos que tais espaços representam segurança, proteção dos perigos externos, apoio para problemas pessoais e coletivos. Também são nesses espaços de partilha, no caso do Ubuntu através das leituras, comum que notamos há uma concordância em manter a ancestralidade, os aspectos de territorialidade, de sagrado, ou seja de visões e valores de mundo

Capoeira e a filosofia do povo bantu, Ubuntu, dialogam na perspectiva de unidade, de comprometimento com os seus, de ser e ser-sendo a partir, e para, da comunidade. Ajudar e ser ajudado mutuamente, em um constante movimento de trocas recíprocas, por intermédio de um grupo de capoeira específico, dialoga significativamente com o que Ubuntu prega e defende. Ou seja, percebemos o diálogo entre essas duas categorias no que diz respeito ao sentimento de comunidade, pois “no Ubuntu, temos a existência definida pela existência de outras existências” (JUNIOR, 2010, p. 26). A existência do indivíduo inicia-se a partir do momento em que o outro, e a comunidade, existe e é.

Movimentos corporais, ser-sendo, pode-vir-a-ser, musicalidade, dança, aspectos do *numem* (OTTO 2002), são aspectos que se interseccionam. O estudo que a professora Zenicola (2011) faz a respeito do diálogo entre as filosofias do povo Banto e lorubá com movimentos corporais, de grupo de dança, especificamente o grupo de dança Ilê Ofé de Charles Nelson no RJ, no ajuda a compreender como a filosofia Ubuntu dialoga com os movimentos corporais, de dança, e aqui incluo também a ginga da capoeira como dança.

Pois assim como a professora, notamos a partir das idas às rodas/treinos de capoeira que a cada encontro foi uma oportunidade de “novos centros de interação, um lugar onde é possível também aprofundar e definir sempre novos perfis de identidade e sentido comunitário” (ZENICOLA, 2011, p. 87). Além disso, a percepção de ser capoeira requer humildade para que através dos movimentos corporais executados tanto nas rodas quanto nos treinos o capoeirista possa-vir-a-ser não apenas um corpo atlético, flexível, mas também um corpo comunitário.

A autora, também, traz um outro destaque para essa interseccionalidade entre dança, capoeira e ubuntu que é o corpo como registro social e histórico de cada ser humano; é ele a porta para as possibilidades de se vivenciar e de ser Ubuntu, capoeirista e/ou dançarino; através e por meio dele que se realizam o movimento tanto da filosofia, como da dança, da capoeira e também em prol da comunidade. A definição que Ramose (2000; 1999) dá à existência concreta, o ser encorpado, é de *ntu*: “ntu enquanto o ponto nodal em que o ser-sendo assume a forma concreta” (p. 2), Ntu, é o princípio de toda a existência.

A filosofia Ubuntu trata tanto de questões epistemológicas quanto de questões ontológicas, portanto, percebemos que o objetivo em ser Ubuntu é buscar o equilíbrio e a harmonia entre todos os seres que habitam o meio, mas não só entre o que é palpável, visto, absorvido pelos sentidos, mas, também o que passa para além disto. Ou seja, os seres que ainda estão por vir, os que já se foram, os que estão, mas ainda não são, enfim, trata sobre tudo que nos envolve.

Por isso, percebemos a importância do corpo para a compreensão, à prática, à transmissão desses três aspectos humanos que dialogam entre si e por conta de suas ancestralidades passadas de geração em geração, tanto em solo banto/África como em solo afro-brasileiro/América: Ubuntu, Capoeira e Comunidade são aspectos que se destacam dentro da filosofia Ubuntu e nas práticas de movimentos corporais, e verbais, da capoeira “No Ubuntu, temos a existência definida pela existência de outras existências” (JUNIOR, 2010 p. 26). Faz parte das filosofias africanas as “questões da ancestralidade, da identidade territorial, da transmissão dos conhecimentos pelas palavras faladas pelos seres humanos e pelos tambores” (JUNIOR, 2010, p. 26).

É interessante perceber que os praticantes da capoeira, Grupo de Capoeira Raça Nobre⁴, raramente afirmam que praticam uma luta ou uma arte marcial, mas sempre associa a capoeira como algo mais completo do que simplesmente movimentos que utilizam o corpo para defesa pessoal. Isso ocorre em decorrência da complexidade que é a capoeira, hora sendo uma arte, uma mestiçagem de movimentos corporais, dialogando pelo aspecto da dança e da musicalidade, como também educação através da oralidade, territorialidade e outros; enfim o que mais comumente

4 Quando tivemos no campo para pesquisar a respeito dos saberes presentes neste grupo em específico, percebemos que os professores, formados e o mestre não relacionava a capoeira com uma luta, mas sempre se direcionavam para ela no sentido de jogo.

percebemos a partir dos capoeiristas do GCRN é que eles jogam capoeira, não tem relação com “eu luto”.

O jogo ganha uma dimensão mais ampla do que uma arte marcial porque abrange outros aspectos lúdicos. Na luta, nas artes marciais, não se brinca, não se tem o objetivo de “jogar” um jogo, mas de derrota/vitória, a dualidade encontrada no mundo eurocêntrico. Na capoeira não há essa dualidade de vitória/derrota, mas o jogo, a vadiagem, a brincadeira, o lúdico, as gargalhadas seguidas das acrobacias, ou seja, percebemos que a capoeira não é um jogo individual; que busca potencializar indivíduos em detrimento do grupo, mas um diálogo entre indivíduo-grupo-indivíduo. Assim como na filosofia Ubuntu que “temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana.” (JUNIOR, 2010, p. 37).

Portanto, podemos notar que a capoeira pode ser sentida e experimentada de diferentes formas. Na roda/treino de capoeira há pessoas que façam do jogo, das músicas, dos movimentos corporais, dos saberes ancestrais e de outros aspectos suas motivações para participar da Capoeira. É esse conjunto que há na capoeira que a faz ser única e peculiar, porque ela envolve diversas características que em outras artes marciais não se encontram, fora isto ainda há o aspecto comunitário em que todos são por todos dentro do grupo, o que dialoga com o princípio do Ubuntu “No Ubuntu, temos a existência definida pela existência de outras existências” (JUNIOR, 2010, p. 26).

Talvez o elemento mais importante a ser destacado é que para os africanos trazidos para o Brasil de forma obrigatória tudo está ligado a tudo, não há distinção como o mundo apresentado pelos europeus. Não há essas distinções entre o Eu e o nós, ou o Eu e você; como também não há distinção entre o nós encarnado como eles que não estão entre nós. Tudo faz parte de um movimento incessante, de um diálogo constante, como - não quer dizer a mesma coisa - em uma roda de capoeira. E também, como podemos perceber dentro das filosofias em que compartilham o *NTU* que é, sobretudo, a base, a existência de tudo. Como nos fala Jahn “Ntu é a força universal em geral” (1970, p. 5), é o que dá existência às coisas através da palavra

CONCLUSÃO

O estudo nos propôs uma aproximação com a filosofia Ubuntu através dos teóricos africanos Ramose (1999, 2001), Wiredu (1984), Jahn

(1970), entre outros foram os que nos ajudaram a compreender melhor da dimensão que se trata as filosofias africanas, visto que as perspectivas trabalhadas e compreendidas por elas abrangem uma dimensão nunca vista anteriormente por nós.

Concluimos que há uma relação dialogal entre a filosofia Ubuntu e a capoeira no que diz respeito ao conceito de comunidade, visto que ambas trabalham em prol de um movimento contínuo para que todos os envolvidos permaneçam vivos e ativos no processo de construção do mundo do qual elas participam. Dito de outra maneira, o objetivo desse movimento ao qual todos os envolvidos tanto na capoeira como na filosofia Ubuntu é manter-se vivo, através da oralidade, do sentimento de partilha, da territorialidade, da musicalidade, não apenas manter-se vivo, como também pertencente uns aos outros.

É importante ressaltar que este estudo não teve propósito em fechar o conhecimento que a filosofia Ubuntu abrange dentro deste artigo, portanto sabemos da importância de filosofias e práticas de vida que continuam em movimento; dessa forma, há muito a ser estudado, pesquisado, percebido, sentido, visto e tudo que envolve os sentidos e os não sentidos dos seres humanos. Em outras palavras, de nenhuma forma é o epílogo, mas sim um prólogo de tudo que promete estudar esta filosofia.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 No 19

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: A essência das religiões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010

Fanon, Frantz. Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194

JAHN, Janheinz. Ntu: A filosofia africana. Tradução para uso didático feita por Marcos Carvalho Lopes a partir da versão em espanhol dos dois primeiros subtítulos do "capítulo 4" JAHN, Janheinz. Muntu: las cultura de la negritud. Trad. Daniel Romero. Madrid, 1970. P.113-122.

JUNIOR, Henrique Cunha. NTU: Introdução ao pensamento filosófico bantu. Educação em debate, v. 1, nº 59, ano 32 - 2010

MOELLIM, Alan Delazeri. A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea.

OMOREGBE, Joseph I. Filosofia Africana: Ontem e Hoje. African Philosophy : Yesterday and Today in African Philosophy: an Anthology by Emmanuel Chukwudi Eze, Massachusetts/Oxford, Blacwell Publishers, 1998.

OTTO, Rudolf. O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Vozes, 2007.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling e VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. Líbero – São Paulo – v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. de 2009

RAMOSE, Mogobe B. African Philosophy through Ubuntu. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza e MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

ZENICOLA, Denise. Ubuntu (partilhamento). Moringa, João Pessoa, vol. 2, n. 2, 85-92, jul./dez. de 2011

WIREDU, Kwasi. Como não se deve comparar o pensamento africano com o ocidental. Tradução para uso didático (na disciplina filosofia africana da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira) feita por Marcos Carvalho Lopes, a partir de: WIREDU, Kwasi. How not to compare African thought with Western thought. Philosophy and an African culture, 1984.